
The background of the cover is a dramatic sunset or sunrise over a battlefield. The sky is a mix of orange, yellow, and dark grey, with some lens flare effects. In the foreground, the silhouettes of several medieval warriors are visible. Some are on horseback, while others are on foot. They are holding various weapons like swords, spears, and axes. The overall mood is historical and intense.

*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

The background of the cover is a grayscale image showing the silhouettes of medieval warriors in a battle scene. The warriors are positioned across the lower half of the frame, some on horseback and some on foot. They are holding various weapons such as swords, spears, and axes. The scene is set against a bright, hazy sky, creating a dramatic and historical atmosphere. The entire cover is framed by a white border with a decorative corner element in the top-left and bottom-right.

*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S478 Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-650-8

DOI 10.22533/at.ed.508201112

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Conhecer, é estabelecer sentido. O ato de viver, quando ultrapassa a esfera da sobrevivência, é portanto o ato de conhecer e dar sentido ao mundo e as pessoas. Esse conhecimento não é abstrato, visto que o modo com que nos relacionamos com o conhecimento tem um impacto direto no processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos os espaços de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie de conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade uma reflexão constante sobre todo esse processo de construção de verdades e sentidos do pensamento humano sobre o mundo. Se o pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos, esse também é um espaço que deve ser foco de estudos e reflexões. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e entendimento de que os sujeitos estão a todo momento dando sentido à sua realidade (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência de mundo e do conhecimento) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que os saberes históricos constroem seus significados e sua relevância para as pessoas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura
Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“NÃO FORAM OS DEUSES, NEM FOI A MORTE DE DEUS, NÃO FOI O JABÁ DA ACADEMIA QUE MATOU A POESIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NA PÓS-MODERNIDADE

Marlon Jose Gavlik Mendes

DOI 10.22533/at.ed.5082011121

CAPÍTULO 2..... 13

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA MARXIANA NA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO DE TRABALHO ANTE A OPRESSÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Renata Reis de Lima

Jenucy Espíndula Brasileiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011122

CAPÍTULO 3..... 23

A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO

Felipe Varzea Lott de Moraes Costa

DOI 10.22533/at.ed.5082011123

CAPÍTULO 4..... 33

EL FERROCARRIL, PARAJES DE LA HISTORIA EN EL NORTE DE MÉXICO, VILLA PASO DEL NORTE, 1880

Lidia G. Sandoval Rivas

Luis Herrera Terrazas

DOI 10.22533/at.ed.5082011124

CAPÍTULO 5..... 44

A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA

Nadine Borges

Wilson Madeira Filho

Ana Motta Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011125

CAPÍTULO 6..... 58

A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E INDENTIDADE

Gabriela de Sousa Vieira

Miriam Ferreira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.5082011126

CAPÍTULO 7..... 68

AS MARAVILHAS EM *EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406)*

Jorge Luiz Voloski

Sofia Alves Cândido da Silva

Lucas Vieira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.5082011127

CAPÍTULO 8	82
AS MARCAS DA DITADURA NO CONTEXTO SOCIAL DA HISTÓRIA E SUAS SOMBRAS NA CONTEMPORANEIDADE Daniel de Oliveira Perdigão DOI 10.22533/at.ed.5082011128	
CAPÍTULO 9	86
ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER Odair Vieira da Silva DOI 10.22533/at.ed.5082011129	
CAPÍTULO 10	99
ASTRONOMIA CULTURAL: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE E SOB OS CÉUS DO BRASIL Flavia Pedroza Lima Rundsthen Vasques de Nader DOI 10.22533/at.ed.50820111210	
CAPÍTULO 11	106
BELEZA NAS ALTURAS: AEROMOÇAS E UNIFORMES NA ESTÉTICA DO BEM VESTIR Felipe Bastos Maranezi Natalia Scarabeli Zancanari DOI 10.22533/at.ed.50820111211	
CAPÍTULO 12	116
CAMINHOS DA MODERNIDADE: A AMAZÔNIA SOB OS SIGNOS DE UM TEMPO ACELERADO (1915-1940) Leticia Souto Pantoja DOI 10.22533/at.ed.50820111212	
CAPÍTULO 13	135
CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA Carmem Lúcia Druciak DOI 10.22533/at.ed.50820111213	
CAPÍTULO 14	146
CIDADE SINOP, MATO GROSSO: NO/PELO DISCURSO DO IMPRESSO JORNAL HOJE, A CONSTRUÇÃO DE UMA TERRA DE PROGRESSO E OPORTUNIDADE Leandro José do Nascimento DOI 10.22533/at.ed.50820111214	
CAPÍTULO 15	159
CINEMA, HISTÓRIA E CRÍTICA: APONTAMENTOS SOBRE ÉLIE FAURE Erivan Cassiano Karvat DOI 10.22533/at.ed.50820111215	

CAPÍTULO 16.....	171
CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX	
José Roberto de Souza Paulo Julião da Silva Stefano Alves dos Santos Josielson Lira Matos	
DOI 10.22533/at.ed.50820111216	
CAPÍTULO 17.....	183
DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: <i>CONSTRUCTO</i> PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Nicolas Theodoridis	
DOI 10.22533/at.ed.50820111217	
CAPÍTULO 18.....	194
INFÂNCIAS TRADICIONAIS NEGRAS NA HISTÓRIA BRASILEIRA	
Mariane Oliveira Nunes Valéria Amim	
DOI 10.22533/at.ed.50820111218	
CAPÍTULO 19.....	203
MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA	
Adna Gomes Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111219	
CAPÍTULO 20.....	214
O CÉU DO INDÍGENA BRASILEIRO - UMA ASTRONOMIA CULTURAL	
Marcelo Augusto do Amaral Ferreira Rundsthen Vasques de Nader Luiz Carlos Borges	
DOI 10.22533/at.ed.50820111220	
CAPÍTULO 21.....	220
O COMÉRCIO E A EVOLUÇÃO ESPACIAL DAS ÁREAS CENTRAIS DAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DE PORTALEGRE	
Miguel Castro	
DOI 10.22533/at.ed.50820111221	
CAPÍTULO 22.....	243
O SOL NASCENTE EM TERRA TUPINAMBÁ: A EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES JAPONESES DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1960	
Hemelita da Silva e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111222	

CAPÍTULO 23	255
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS HISTÓRICOS (1980-2008)	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111223	
CAPÍTULO 24	268
PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO <i>MAINSTREAM</i> PÓS-NEOCLÁSSICO?	
Marcelo de Carvalho Azevedo Anache	
Luiz da Costa Laurencel	
Carlos Benevenuto Guisard Koehler	
DOI 10.22533/at.ed.50820111224	
CAPÍTULO 25	277
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIOCULTURAIS NA FESTA DA SANTA CRUZ PADROEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARANA-AL	
Ana Cristina de Lima Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111225	
CAPÍTULO 26	284
UNIDOS PELA DEMOCRACIA: AS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E OS ENREDOS POLÍTICOS NA DÉCADA DE 1980	
Guilherme José Motta Faria	
DOI 10.22533/at.ed.50820111226	
CAPÍTULO 27	299
VISITAÇÕES TUMULARES E SIGNOS DE COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA E SENSÍVEL	
Marcia Regina de Oliveira Lupion	
DOI 10.22533/at.ed.50820111227	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	310
ÍNDICE REMISSIVO	311

CAPÍTULO 17

DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: CONSTRUCTO PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Data de aceite: 01/12/2020

Data da submissão: 21/09/2020

Nicolas Theodoridis

Doutorando na Universidade Salgado de
Oliveira
Niterói – Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/8329038544535649>

RESUMO: O presente estudo tem como preocupação principal explicitar a necessidade da criação do constructo “dialética cultural espiralada” com intuito de melhor adequação das ideias trabalhadas na tese de doutoramento, assim como sua utilização em outras pesquisas das ciências humanas e sociais. Para tal desiderato, exponho nas páginas iniciais, formulações sobre o conceito de *conceito*. Em seguida, ter-se-á a decomposição dos termos no intuito de melhor esclarecê-los, ou seja, historicizar os conceitos efetuando, ao final, a argamassa metodológica da explanação teórica.

PALAVRAS-CHAVE: Conceito, Dialética, Cultura, Espiral e Espiritismo.

SPIRALED CULTURAL DIALECTIC: CONSTRUCT FOR HUMAN SCIENCE AND SOCIAL

ABSTRACT: The present study has the main concern to explain the need to create the construct “cultural spiral dialectic” with the purpose of better matching the ideas worked in the doctoral thesis, as well as its use in other researches of

the human sciences and social. To that end, I present in the opening pages, formulations about the concept of *concept*. Then, the terms will be decomposed in order to better clarify them, that is, to historicize the concepts, making, in the end, the methodological mortar of the theoretical explanation.

KEYWORDS: Concept, Dialectic, Culture, Spiral and Spiritualism.

1 | INTRODUÇÃO

O que é um conceito? Para que servem? Eles nos ajudam em que? Perguntam deste tipo nos rodeiam. Ao mergulharmos no meio acadêmico, a palavra conceito é constantemente citada e cobrada, seja nos trabalhos de *Stricto Sensu*, seja em artigos ou qualquer outra produção a qual venhamos a produzir. Bem, sua importância é inegável para quem almeja trilhar os caminhos de pesquisa, não somente em história, mas em todos os ramos do conhecimento humano. Paul Veyne (1983, p.30) tem uma citação da qual eu aprecio e que pode dar um pouco da dimensão de seu uso quando ele diz que “(...) cada conceito que conquistamos refina e enriquece nossa percepção do mundo (...)”.

Portanto, os conceitos servem para melhorar nosso arcabouço mental, ao estudioso de qualquer área, aumentar seu conhecimento procurando agregar elementos diversos ao campo que atua, não se dando por satisfeito

com o conhecimento adquirido numa formação universitária e ao leigo em buscar algo além do senso comum. Barros (2016, p.09), por exemplo, começa seu livro sobre conceitos com uma descrição na qual, ele diz que “(...) todas as ciências os têm (...)” sendo que alguns mais emplumados do que os outros, mas em todos, se faz necessário à busca de seu reconhecimento.

Em História, sem dúvida, eles fazem parte importante do trabalho do historiador, tanto que foi publicado um dicionário de conceitos históricos (2009) para dar luz aos neófitos e, também, a aqueles que já possuem alguns quilômetros de rodagem. Mais uma vez me aproprio de Veyne (1983, p. 43) quando o ele afirma que “os fatos históricos não se organizam por período ou povos, mas por noções”; é exatamente aí onde se encaixam os conceitos, mas também alerta em outra obra o mesmo autor de que o uso inadequado dos conceitos “provocam no historiador um mal-estar característico que constitui um dos episódios consagrados da dramaticidade da sua profissão” (VEYNE, 1976, p. 121) que seria a questão do conceito não estar devidamente inserido no contexto da obra.

Os conceitos são abstrações utilizadas para explicar determinada realidade construída pelo pesquisador no intuito de melhor elucidar seu trabalho acadêmico. Com isso em mente, vejamos o entendimento de *constructo* nas linhas que se seguem...

2 | CONCEITO DOS CONCEITOS

A denominação de *constructo* que aqui é utilizado se refere ao tipo de conceito construído possuidor de um nível mais elevado de abstração, diferente do conceito propriamente dito que tem os seus elementos mais facilmente observados ou mensurados, vindo, portanto, a ser construído mediante a utilização de outros conceitos menores. José D’Assunção Barros se debruça sobre o assunto reiteradas vezes em seus livros e artigos. Segundo Barros (2005, p. 131),

Em alguns casos, o pesquisador não deve hesitar em reformular ele mesmo algumas definições, já refletidas a partir do que dizem os textos especializados, mas adaptando-os a partir do seu próprio senso crítico. Também ocorre com alguma frequência a necessidade de criar um conceito inédito, e consequentemente de defini-lo da maneira mais apropriada possível para o leitor.

Assunção postula que o termo conceito designa formulações abstratas e gerais que os indivíduos se utilizam no intuito de tornar alguma coisa inteligível aos seus aspectos essenciais e cotidianos. Ao formularmos os conceitos observamos que estes respondem a noções gerais no sentido de defini-los, através da representação ou de características que os identificam.

Utilizamos constantemente diversos conceitos no cotidiano sem atentar, por exemplo, que ao dialogarmos sobre família, estabelecemos formulações abstratas e

gerais para explicarmos sobre seu significado. Para tanto, observar-se-á que os conceitos são instrumentos que atendem não somente a comunidade científica como também são fundamentais na própria vida cotidiana. Contudo,

(...) o conhecimento científico exige um vocabulário de segundo nível, ou seja, um vocabulário técnico. Para o pensamento teórico da ciência ou da filosofia, não bastam os significados imediatos da linguagem comum. Conceitos e termos adquirem um significado unívoco, bem preciso e bem delimitado. Às vezes são mantidos os mesmos termos, mas as significações são alteradas para uma compreensão bem definida (SEVERINO, 1978, p. 145).

Tais pressupostos estão ligados às representações que trazemos do meio social ao qual estamos inseridos, sem que, com isso, possamos perceber que a definição atende somente ao período histórico em que vivemos, desconsiderando as realidades anteriores e outros modelos não ocidentais.

Geralmente trabalhamos com conceitos “importados”, ou seja, gerados por intelectuais estrangeiros e os adaptamos as nossas realidades e necessidades, objetivando por meio de uma proposta teórica, formular um objeto. Segundo Antônio Severino, “o conceito é a imagem mental por meio do qual se representa um objeto, sinal imediato do objeto representado. O conceito garante uma referência direta ao objeto real” (1978, p. 144). Por serem abstratos, os conceitos fazem referência a uma teoria, sendo por isso, uma construção lógica objetivando a construção de um determinado conhecimento da realidade. Tem-se aqui a clareza de que sem ele uma pesquisa não poderia ser erigida. É a teoria que nos permite explicar realidades históricas diferentes daquela que vivemos. Conforme explicita Prost, “os conceitos históricos têm um alcance maior: eles incorporam uma argumentação e referem-se a uma teoria” (2008, p. 121). Dentro desta mesma linha de raciocínio Koselleck (2012, p. 109) postula que

Sob um conceito, a multiplicidade da experiência histórica, assim como uma soma de relações teóricas e práticas, são subsumidas em um único conjunto que, como tal, é dado e objeto de experiência somente por meio desse conceito.

Os dois autores são uníssonos em afirmar que uma palavra para se transformar em um conceito é necessário que ela venha a possuir uma gama de significações e de experiências, tornando-se, portanto, polissêmico.

As teorias fazem parte do grande arcabouço de evolução¹ do pensamento humano, passando por diferentes fases caracterizadas por paradigmas (KUHN, 2000) diversos que reinaram nos mais diversos campos do conhecimento humano, acumulando o saber

1. O conceito de evolução suscita diversas críticas e interpretações desde o propalado por Charles Darwin, mas o que postulo é o evolucionismo espiritualista, principalmente pelo objeto de estudo, no caso, o espiritismo, teoria que une o darwinismo com o espiritualismo, a crença na existência de um ser imaterial e imortal, o espírito como responsável pela condução das formas biológicas. Para maiores esclarecimentos sobre o assunto recomendam-se os seguintes livros; (ANDRÉA, 1977), (ELGIN, 2003), (FREIRE, 2006), (PINHEIRO, 2009), (PIRES, 2005), (UBALDI, 2001). Sobre o aspecto propriamente cultural pode-se indicar: (CHILDE, 1966) e (FONTANA, 2004).

das anteriores (mesmo que com rupturas e permanências) e fazendo com que este conhecimento se reestruture gradativamente, reformulando as hipóteses antigas, as quais são expressas numa nova linguagem, mais adequadas à época em questão. Destarte, as bases que formulam novas ideias são aquelas que antes sustentavam o saber humano, porém compreendidas sob a luz de novos paradigmas.

Cada época tem os seus teóricos, que organizam os conhecimentos acumulados em novos terrenos e que com isso, provocam rupturas com os “velhos”. Conforme expressa Tarnas (1999, p. 13), “cada geração deve examinar e repensar, sob uma perspectiva privilegiada própria, as ideias que moldaram sua concepção de mundo”. Todo período histórico, por mais “estático” que pareça foi caracterizado por determinada mudança no seu clima intelectual (TRATTNER, 1956). Isso propicia constantemente não a um simples perpassar de novidades, mas a profunda transformação do pensamento, de como o homem se vê e enxerga o mundo que o rodeia.

A história do homem é, portanto, marcada por diversas transformações ideológicas² que mudaram e moldaram para sempre o rumo de sua evolução. Ao voltar o olhar para trás, propõe-se, com isso, entender o que levou o homem a repensar sua maneira de viver, traçando novas rotas, vislumbrando novas convicções, estabelecendo novas ideias, conceitos e teorias. Tais proposições são essenciais a uma visão de mundo que visa abarcar todos os interesses cardinais do homem, transportando-nos através de um universo de inconcebível riqueza cultural criada por ele.

Com isso, o conceito que proponho parte da junção da dialética, da cultura e da forma espiral. Para melhor explicitá-los, ter-se-á a decomposição dos termos no intuito de melhor esclarecê-los, ou seja, historicizar os conceitos (PROST, 2008, p. 128), tendo consciência de que para cada um deles existe uma pluralidade de definições, não sendo passível de examiná-los em sua totalidade, mas segundo o melhor entendimento do *constructo* e a posteriori, sua utilização no desenvolvimento de trabalhos nas ciências humanas e sociais.

3 | DIALÉTICA

Etimologicamente, dialética (GORBY, 2007) vem do grego *dia*, que expressa a ideia de dualidade, troca e *lektikós* significa *apto a palavra*, dando o entendimento de diálogo, pois no diálogo sempre há mais de uma opinião, mas que transcurso ao longo da história assumiu vários sentidos³.

Vindo desde os pré-socráticos como Heráclito de Éfeso (século VI a.C.) e Zenão de Eléia (V a.C.), passando pelos sofistas, Sócrates, Platão, a dialética acabou ficando esquecida na Idade Média, vindo a ressurgir no período do Renascimento. A noção de dialética chega ao mundo contemporâneo através de Georg Wilhelm Friedrich Hegel

2. Para maiores informações sobre o tema verificar; (CHAU, 1995) e (GEERTZ, 2008, cap. IV).

3. Para uma melhor apreciação dessas mudanças aconselham-se os seguintes trabalhos: (LUCE, 1994), (ARANHA, 1988, pp. 49/50) e (KONDER, 1987).

(1770-1831) que formulou a questão em torno de três movimentos. Esta estrutura do real, entendido como processo, envolve o do dado, da tese, o da negação, da antítese e por fim o de negação da negação, da síntese. Denominada de dialética idealista, ou seja, “(...) em certo momento da maturação nervosa, que em sua totalidade, encontra sua causa na etapa precedente e que, apesar de tudo, a ultrapassa e instaura uma nova maneira de ser” (CHATELET, 1972, pp. 22 e 23), por se tratar do conjunto de conhecimentos, ideias e conceitos elaborado e reelaborado pelo homem, cada qual adequado ao seu momento histórico. Conforme Mesquita (1985, p.19),

O idealismo é a corrente de pensamento que, dando primazia à consciência, reduz o real à ideia, ao pensamento, ou, por outras palavras, que considera a ideia, o pensamento, como sendo a essência da realidade.

Hegel foi muito influenciado pelo cristianismo e sua interpretação demonstra a revelação do Deus dialético, uno e trino ao mesmo tempo (GRINGS, 1981). A dialética hegeliana embora sendo idealista, deu origem à dialética materialista do materialismo histórico criada pelo economista e filósofo alemão Karl Marx (1818-1883), em colaboração com o político e pensador alemão Friedrich Engels (1820-1895). Segundo Marcondes (1997, p.228),

a interpretação hegeliana do processo histórico e da formação da consciência restringe-se ao plano das ideias e representações, do saber e da cultura, não levando em conta as bases materiais da sociedade em que este saber esta cultura são produzidos e em que a consciência individual é formada.

Diferente da proposta efetuada por Hegel, a dialética materialista histórica passa a ter o cerne central de análise no trabalho (MARX & ENGELS, 2001) “o processo autotransformador da espécie humana é condicionado, o que vai contra a ideia hegeliana de um movimento do Absoluto” (MARCONDES, 1997, p.229) dando a dialética um constante movimento no transcurso da humanidade. Mesquita (1981, p. 61) também enfoca que a dialética materialista

é a aplicação da dialética, sob o ponto de vista materialista, na análise da evolução da matéria (natureza), bem como no desenvolvimento da consciência e da sociedade humana, análise essa em que se funda o materialismo dialético, da teoria marxista.

Uma última análise sobre a dialética é a de Karel Kosik (1926-2003), filósofo checo de tradição marxista, onde o mesmo postula que o pensamento dialético efetua uma distinção entre representação (aparência) e conceito (essência) da “coisa” (realidade). A “coisa em si”, de que trata a dialética, não se manifesta imediatamente ao homem, à sua compreensão, pois, sua primeira atitude frente à realidade não é investigativa ou examinatória, mas sim, um exercício prático-sensível, fazendo com que o indivíduo crie “suas próprias representações das coisas (pensamento comum) e elabore um sistema correlativo de noções, que capta e fixe o aspecto fenomênico da realidade” (1976, p. 14).

Concluindo, a dialética é a concepção da realidade que como um todo está em permanente transformação, sendo sua contradição determinante no movimento que condiciona todo o processo do desenvolvimento humano.

4 | CULTURA

Já o termo cultura foi “emprestado” da antropologia, vindo a definir o conjunto de atitudes e códigos de comportamento próprios, sendo que a primeira definição de cultura foi formulada por E. Tylor, no primeiro parágrafo do seu livro *Primitive Culture* (1871). Segundo Geertz (2008, p. 123),

Os padrões culturais – religioso, filosófico, estético, científico, ideológico - são “programas”; eles fornecem um gabarito ou diagrama para a organização dos processos sociais e psicológicos, de forma semelhante aos sistemas genéticos que fornecem tal gabarito para a organização dos processos orgânicos.

Clifford Geertz defende o conceito de cultura essencialmente semiótico, estando o homem amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Através de um conjunto de “sistemas entrelaçados de símbolos interpretáveis”, vindo a serem construídos historicamente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos, remodelando “o padrão das relações sociais” estabelecidos.

Já segundo Marshall Sahlins (2011), a cultura é historicamente reproduzida e alterada na ação de seus interlocutores. Assim sendo, a cultura inserida na História está em constante movimento, fazendo com que esse movimento produza uma “transformação estrutural”, pois a alteração de alguns sentidos muda a relação de posição entre as categorias culturais, havendo assim “uma mudança sistêmica”, sendo este processo histórico denominado pelo autor de “reavaliação funcional de categorias”. Com isso, à medida que há o contato entre diferentes culturas, elas reproduzem-se a partir do encontro de uma com a outra, efetuando inúmeras variações ao longo do tempo e do espaço em que se conheceram.

Ruth Benedict (1972) explicita que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê e enxerga o mundo que o rodeia. Homens de culturas diferenciadas usam lentes diversas e, por isso, têm visões díspares das realidades das coisas.

Segundo Roque Laraia (1997, p. 70),

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determina cultura.

Para finalizar o entendimento do conceito de cultura (sem querer fechar o assunto), Cassirer expressa que

a característica mais notável do homem, a marca que o distingue, não é sua natureza metafísica ou física – mas seu trabalho. É este trabalho, o sistema das atividades humanas, que define e determina o círculo de humanidade. A linguagem, o mito, a religião, a arte, a ciência, a história são os constituintes, os vários setores desse círculo.

Portanto, todo o arcabouço construído pelo homem faz parte de sua cultura e neste bojo incluímos os esquemas de vida familiar, debates políticos, observâncias religiosas, inovações científicas, literatura, artes, linguagem, enfim, aspectos de criação humana em oposição aos processos físicos e biológicos.

5 | ESPIRAL

Por fim, a forma espiral⁴. Apoiado no conceito de “circularidade” propalado por Ginzburg (2011) e Bakhtin (2010), onde ambos os historiadores visam demonstrar a movimentação das ideias tanto na cultura popular quanto na erudita, vejo que embora as ideias circulem, a forma espiral designa de que maneira estas mesmas ideias atingem patamares diferenciados na compreensão do ser humano, criando e ampliando os novos conceitos encaixados nas proposições de seu tempo.

A espiral é um símbolo de evolução e de movimento ascendente, progressivo, normalmente positivo, encontrada em todas as culturas, relacionada à própria progressão da existência. Sua forma está associada à base da vida (MOORE, 1961) sendo encontrada desde o macro (galáxias) ao micro (DNA).

Portanto, a espiral está presente em todo o Universo, sendo responsável pelo fenômeno simétrico da natureza, sejam nas flores, árvores, ondas, conchas, furacões, no do rosto simétrico do ser humano, em suas articulações, seus batimentos cardíacos e em seu DNA. Também na refração da luz proporcionada pelos elétrons dos átomos, nas vibrações e em outras mais manifestações como nas galáxias do universo imensurável.

6 | APLICABILIDADE DO CONCEITO

Ao propor o referido *constructo*, vislumbro que sua aplicabilidade não tem que ficar necessariamente somente atrelado a pesquisa em si, ou seja, ao espiritismo, mas que também terá serventia para que outros pesquisadores o utilizem de maneira profícua.

Conforme explanado, a Dialética Cultural Espiralada visa demonstrar como as ideias foram retrabalhas dialeticamente criando todo um novo universo conceitual. Toda esta mudança é fruto do processo cultural em que o homem está inserido e a forma como este interpreta o ambiente em que vive. A forma geométrica espiral visa somente dar a

4. Quando utilizo a forma geométrica da espiral em detrimento da forma circular, não pretendo estabelecer o entendimento de modo a posicionar como positivo/negativo, ascendente/descendente ou qualquer outra designação, pois ela não tem conotação valorativa mas, para explicar o próprio movimento das rupturas e permanências que se sucedem na história e que com isso abrem novos horizontes conceituais aos homens.

visão de que estas mudanças paradigmáticas levam o conhecimento a novos patamares de entendimento do pensamento humano, estabelecendo novas sinapses e ampliando seus horizontes conceituais.

A constante dialética cultural visa elucidar as diferentes construções arquitetônicas das ideias elaboradas dentro do corte temporal proposto até a formulação do Pentateuco espírita, comparando-as entre si, ou melhor, estabelecendo as conectivas históricas⁵ que se comunicam entre si e acabam estabelecendo novos olhares, sendo estas constantemente retrabalhadas pela circularidade num movimento espiralado do saber (UBALDI, 2001), pois além de circular, as ideias acabam se transformando em algo novo, mediante uma curva plana que gira em torno de um ponto central (chamado pólo), dele se afastando ou se aproximando, num constante reagrupar das ideias, efetuando as transformações estruturais no interior da sociedade ocidental, levando o homem a tecer o entrelaçamento das ideias com a cultura numa constante simbiose.

Para dar a argamassa metodológica, utilizarei o “Paradigma Indiciário”, termo cunhado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1990, pp. 143 a 179), que mediante indícios e sinais é possível à reconstrução de elementos culturais e/ou sociais, resultando, assim, num paradigma epistemológico, permitindo, do ponto de vista científico, (re) construir elementos interpretativos da cultura do qual emergem. Além disso, a atividade comparativista (CARDOSO e BRIGNOLI, 1979) é uma excelente ferramenta metodológica que permite, conforme explicita Detienne (2004, p. 65), “não para encontrar ou impor leis gerais que nos explicariam finalmente a variabilidade das invenções culturais da espécie humana, (...) mas para construir comparáveis (...)”, efetuar as análises comparatórias entre as diferentes ideias que contextualizaram o ambiente europeu e seus encadeamentos com a proposta espírita, vendo a conectividade entre elas e do encontro das mesmas (dialética) o nascedouro da visão ocasionada deste encontro.

Além disso, a metáfora do tapete propicia compreender o entrelaçamento da circularidade das ideias com a cultura que é historicamente alterada, pois analogamente aos fios vertical e horizontal, que dão forma total à peça, assim também os sinais ou indícios da investigação histórica são assumidos como elementos reveladores de fenômenos socioculturais que afloraram na sociedade cristã latina europeia, focados especificamente no período compreendido entre a segunda metade do século XVIII até o advento da proposta espírita, sua transposição para o Brasil e influência das suas ideias no intenso e prolixo debate que ocorreu no país entre 1870 a 1889, enfocando a troca do regime político e do fim da escravidão.

5. Expressão adotada pelo historiador Sanjay Subrahmanyam onde o mesmo visa demonstrar que estas histórias estão ligadas e que se comunicam entre si.

71 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, dialética cultural espiralada, diferente das proposições anteriores, cria um novo universo de entendimento, um novo tipo de diálogo através de uma “tensão cultural”, geratriz de processos de transformações estruturais que levam o homem a procura de novos arcabouços simbólicos, efetuando este mesmo homem releituras da realidade em que está inserido.

A costura das ideias nos diferentes campos de saber do homem é acompanhada, portanto, com a base conceitual da dialética cultural espiralada, pois, ao retrabalhar a forma de pensar, estas ideias vão tecendo todo um arcabouço ideológico, num movimento contínuo, criando um conjunto arquitetônico de incomparável beleza que é o próprio caminhar do ser humano na busca da sua autossuperação.

REFERÊNCIAS

ANDRÉA, Jorge. *Dinâmica Espiritual da Evolução*. Rio de Janeiro: Editora Caminho da Libertação, 1977.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando. Introdução a Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1988.

ARÓSTEGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica – Teoria e Método*. São Paulo: EDUSC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em história*. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Os Conceitos*. Seus usos nas ciências humanas. Petrópolis: Vozes, 2016.

BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

CHATELET, François. *Logos e Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CHILDE, Vere Gordon. *A Evolução Cultural do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

COLOMBO, Cleusa Beraldi. *Ideias Sociais Espíritas*. São Paulo: Comenius, 1998.

- DETIENNE, Marcel. *Comparar o Incomparável*. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.
- ELGIN, Duane. *A Dinâmica da Evolução Humana*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- FONTANA, Josep. *A História dos Homens*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- FREIRE, Gilson. *Arquitetura Cósmica vols 1 e 2. Dos Mitos da criação à visão unitária do Universo*. Belo Horizonte: Inede, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- GORBY, Ivan. *Vocabulário grego da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GRINGS, Dadeus. *História Dialética do Cristianismo*. Porto Alegre: EST, 1981.
- KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. Coleção Primeiros Passos nº23. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- KOSSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC, 2012.
- KOSIK, Karel. *A dialética do concreto*. Petrópolis: Paz e Terra, 1976.
- KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- LUCE, J.V. *Curso de Filosofia Grega – do séc. VI a.C. ao séc. II d.C.* Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- MARX & ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista – 1848*. São Paulo: L&PM Pocket, 2001.
- MESQUITA, José Marques. *A Dialética Espiritualista*. Rio de Janeiro: Mandarin, 1985.
- MOORE, Ruth. *A Espiral da Vida*. São Paulo: Cultrix, 1961.
- PINHEIRO, Luiz Gonzaga. *O Perispirito e suas Modelações*. São Paulo: Editora EME, 2009.
- PIRES, J. Herculano. *O Espírito e o Tempo. Introdução Antropológica ao Espiritismo*. São Paulo: Paidéia, 2005.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. São Paulo: Autêntica, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SCHILING, Kurt. *História das Ideias Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

TARNAS, Richard. *A Epopeia do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

TRATTNER, Ernest B. *Arquitetos de Ideias. As Grandes Teorias da Humanidade*. Porto Alegre: Globo, 1956.

UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese. Síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito*. Rio de Janeiro: Lake, 2001.

VÁRIOS AUTORES. *Em torno de Rivail. O mundo em que viveu Allan Kardec*. São Paulo: Lachâtre, 2004.

VEYNE, Paul. *O Inventário das Diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. Os Conceitos em História. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Teoria da História*. São Paulo: Cultrix, 1976.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Araguaia 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57

Astronomia 99, 100, 101, 102, 103, 105, 214, 215, 216, 217, 218, 219

C

Cinema 28, 106, 119, 133, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 229

Comércio 116, 117, 118, 119, 124, 128, 162, 163, 205, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 245, 247, 282

Conservadores 171, 172, 173, 177, 178, 179, 285, 296

D

Democracia 13, 15, 18, 19, 22, 31, 85, 284, 286, 293, 297

Dialética Cultural 183, 189, 190, 191

Ditadura 31, 51, 55, 57, 82, 83, 84, 85, 204, 285, 286, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297

E

Escolas de Samba 284, 286, 287, 290, 291, 293, 297, 298

Estado Transitório 268, 271, 275

F

Família 15, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 49, 54, 55, 108, 121, 125, 144, 162, 184, 195, 198, 202, 217, 218, 245, 247, 250, 251, 302

Ferrovia 33

H

História Cultural 86, 87, 88, 90, 91, 98, 108, 109, 113, 114, 145, 299

História Pública 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213

I

Identidade 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 22, 25, 26, 29, 30, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 111, 112, 115, 127, 135, 138, 139, 141, 143, 158, 171, 177, 203, 205, 224, 226, 254, 256, 267, 278, 298

Imigrantes Japoneses 243, 244, 245, 248, 249, 251, 252

Indígena Brasileiro 214, 217

M

Memória 44, 114, 115, 149, 150, 156, 158, 203, 243, 254

Memória Aikewara 44

Modernistas 171, 173, 179

Morada Nordestina 58, 66

N

Nacionalismo 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 291

O

Organização Curricular 255, 256, 261, 262

P

Pós-Modernidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 114, 224

Pós-Neoclássico 268, 271, 275

R

Representação 6, 28, 76, 88, 91, 95, 96, 98, 108, 112, 127, 135, 156, 157, 184, 187, 195, 238, 293

Roger Chartier 86, 87, 88, 90, 91, 97, 98

S

Sociedade Capitalista 13, 14, 15, 21

Sol Nascente 243, 254

T

Teoria Marxiana 13

Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora


Ano 2020

Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020